

O dia seguinte

Publicação: [O Mundo em Português Nº57](#)

Data de Publicação: Novembro/Dezembro de 2004

Autor:Álvaro de Vasconcelos

Nunca umas eleições americanas despertaram tanto interesse, nunca o Mundo demonstrou tanta vontade de nelas poder votar, nunca as opiniões públicas exprimiram tão claramente o sentido do seu voto. As sondagens mostram que, na esmagadora maioria dos países, os cidadãos votariam para afastar da Casa Branca uma política que consideram, com razão, contrária aos seus interesses, ao mesmo tempo que afirmam a sua admiração pelos americanos e a sua democracia. Só os americanos votam, obviamente, mas bem mostrou a campanha que não são indiferentes ao sentir do Mundo, o que colocou a política externa no centro do debate eleitoral.

Os americanos sabem que, no 11 de Setembro de 2001, foram os problemas do Mundo que os atingiram e que é preciso lidar com eles como problemas comuns que são. Compreendem, cada vez em maior número, que a sua própria segurança depende também de tomar em consideração as opiniões dos outros, com quem compartilham as suas preocupações centrais, quer seja o terrorismo, o ambiente ou, para um número significativo, mesmo a pobreza. Quatro anos de unilateralismo demonstram aos americanos que, apesar do seu poderio militar, não podem resolver sozinhos muitos dos problemas que os afectam. A esmagadora maioria quer que o Presidente trave o ciclo infernal que desde o 11 de Setembro de 2001, num trágico e alucinante caleidoscópio, da guerra no Afeganistão à ocupação caótica do Iraque, da brutal intervenção militar de Israel na Palestina à política de terra queimada da Rússia na Tchechénia, passando pelos crimes terroristas em Bali, Madrid, Casablanca, Beslan ou Darfur, não têm deixado o Mundo respirar.

Será possível a América mudar de política? Os pessimistas, os anti-americanos militantes ou os pró-americanos de serviço dizem que não. Muitos deles, aprovando ou reprovando o comportamento do governo de Bush, acham que ele não decorre de opções políticas deliberadas mas da natureza de superpotência sem rival dos Estados Unidos – o unilateralismo seria uma inevitabilidade inscrita nos genes do seu poder. Qualquer presidente faria a mesma política porque a tal seria forçado pela condição

americana e pelos problemas que enfrenta. Nada de menos certo. Kerry mostrou na campanha que, apesar de analisar certos problemas internacionais de modo não dissemelhante, designadamente a preocupação com o terrorismo, propõe soluções diferentes, e que nas questões da agenda global, como o ambiente ou a proliferação das armas de destruição em massa, defende os grandes acordos multilaterais.

Kerry afirmou com insistência que é preciso fazer com os outros, o que não é uma questão de estilo mas sim uma diferença essencial. Pois quem faz com os outros tem que ter em consideração o seu ponto de vista e procurar o compromisso, que para alguns soa a fraqueza mas é, como não se cansa de lembrar o Embaixador José Calvet de Magalhães, a essência da diplomacia e da convivência internacional. Em suma, o presidente americano pode escolher estar com o Mundo ou contra o Mundo.

Será que o Mundo está tão dominado pelo mal que só intervenções redentoras e transformadoras da América o podem salvar ou será que, para além das visões catastróficas e derrotistas, existem factores de progresso que merecem todo o apoio e atenção? Um presidente americano disponível para o Mundo terá que voltar a privilegiar o apoio aos factores internos de mudança, de inclusão e de democracia que atravessam numerosas sociedades e mesmo regiões, e que nestes anos de trevas fizeram o seu caminho – o alargamento a leste da União Europeia, a consolidação da democracia na Turquia, o relançamento do Mercosul na América do Sul. Uma nova presidência americana encontrará na Europa, e não só, muita gente disposta a cooperar, como o fazem franceses, alemães e tantos outros no Afeganistão – e com algum sucesso, como mostra a maciça afluência nas eleições de Outubro.

Contudo, só encontrará apoios significativos uma política americana radicalmente diferente, capaz de afastar o medo que domina muitos americanos, mas também iraquianos, israelitas ou palestinos, e de fazer nascer a esperança em Bagdad e, quem sabe, mesmo no Médio Oriente. A vitória de Kerry criaria o bom momento para recolocar a convergência euro-americana no centro da construção de uma nova ordem internacional, o que obrigaria os europeus a pensarem uma política comum de envolvimento na resolução da crise iraquiana, e o governo americano a ocupar-se seriamente, por exemplo, da criação de um Estado palestino, mudanças que, sem serem fáceis ou imediatas, não são impossíveis. A continuação de uma política americana construída a partir de um olhar o Mundo como uma selva hostil, onde só conta a força bruta, ao contrário do que parece ser o querer da maioria dos americanos, teria consequências trágicas para a América e para o resto do mundo. Esperemos que

triunfe o bom senso, ou seja, a capacidade de raciocinar a partir da experiência, e de dar ouvidos aos avisos e conselhos que chegam do mundo inteiro.